

## Maior museu do mundo a céu aberto do Paleolítico criado há 20 anos

**Vinte anos depois da criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa, na Canada do Inferno, permanecem os vestígios do confronto em que toneladas de betão acabaram por ceder ao maior museu do mundo ao ar livre do Paleolítico.**



Cultura Foz Côa

Há 5 HorasPOR Lusa

PARTILHAR

As gravuras não precisaram de aprender a nadar e a barragem acabou por parar, mas o fantasma da polémica continua a pairar nas dúvidas de habitantes e agentes locais e no rio Côa, onde coabitam os símbolos da batalha que extravasou as fronteiras portuguesas.

PUB

Na Canada do Inferno encontra-se um dos principais núcleos do Parque Arqueológico, a rocha descoberta pelo arqueólogo Nelson Rebanda com as primeiras de 17 quilómetros de gravuras a céu aberto com mais de 20 mil anos. Na mesma paisagem permanece o esqueleto do paredão da barragem inacabada e suspensa com uma indemnização de milhares de euros à concessionária EDP.

As gravuras sempre foram conhecidas dos pastores locais que jamais imaginariam que "os riscos" com que conviviam nas rochas das margens do Côa eram arte classificada, em 1998, como Património da Humanidade pela UNESCO, a organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

As gravuras rupestres de Foz Côa foram descobertas em 1994, quando já estava em construção a barragem no rio, localizada a norte do distrito da Guarda.

A história deste processo é longa, mas teve como ponto alto outubro de 1995 quando o Governo de António Guterres ordenou a suspensão da construção da mega barragem na Foz do Côa devido aos achados

arqueológicos.

Com a identificação de diversos núcleos de gravuras e depois de vários protestos e debate público, nasceu, em 10 de agosto de 1996, o parque arqueológico que se proclamou como o maior museu do mundo ao ar livre do Paleolítico, contabilizando um milhão de visitantes em 20 anos.

O Movimento para a Salvaguarda das Gravuras de Foz Côa, que adotou o slogan "as gravuras não sabem nadar", foi "determinante" para a preservação dos achados.

À adaptação da música dos Black Company, em voga naquela ocasião, alunos de vários níveis de ensino acrescentaram "a barragem tem de parar" e obrigaram a parar a comitiva do então presidente da República, Mário Soares, numa visita à região.

Além de fazerem ouvir a reivindicação, entregaram ao chefe de Estado um abaixo-assinado com 70 mil assinaturas angariadas em várias escolas do país.

A Associação "Olho Vivo" já tinha entregado na Assembleia da República uma petição com 11 mil assinaturas para a discussão urgente da questão.

Ambientalistas e comunidade científica juntaram-se aos protestos contra a barragem e pela preservação das gravuras numa luta a que se juntou também a Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, fazendo chegar ao presidente da República uma carta a pedir que tudo fosse feito para as gravuras não serem submersas pela barragem.

A decisão foi tomada pelo ministro da Cultura, Manuel Maria Carrilho, no primeiro Governo socialista de António Guterres, com a ordem de suspensão da barragem e a classificação de monumento nacional.

Poucos anos depois, a UNESCO incluiu as gravuras rupestres de Foz Côa na lista de Património Cultural da Humanidade.

Passados 15 anos da polémica inicial, abriu ao público, em 2010, o Museu do Côa, um investimento de 17 milhões de euros, que atraiu 40 mil visitantes no primeiro ano.

Também em 2010, Siega Verde, em Espanha, foi inscrita como extensão do Vale do Côa na lista de Património Mundial da UNESCO, contribuindo para ampliar a dimensão e o valor patrimonial das gravuras do Côa.

Um ano depois foi criada a Fundação Côa Parque para gerir o museu e o Parque Arqueológico do Vale do Côa, com o objetivo de "proteger, conservar, investigar e divulgar a arte rupestre".

Para explorar o potencial existente, criou-se a marca "Vale do Côa" a pensar, sobretudo, no afluxo turístico e no desenvolvimento que poderá levar à região.

Passados mais de 20 anos, o Côa ainda é "uma desilusão" para alguns que não conseguem vislumbrar progresso nos turistas que "veem as gravuras e vão embora", enquanto outros olham com desconfiança para o desenvolvimento prometido pela demora em tornar-se visível.

O maior museu do mundo a céu aberto de gravuras rupestres parece não ter conseguido ainda também dar resposta àqueles que se questionam "se a barragem não seria melhor".